

Ano eclesial da Fé
A palavra de um Mestre: São João da Cruz

Jean-Marie Laurier¹

RESUMO

A teologia e pedagogia da fé transmitidas por São João da Cruz emanam de uma vivência pessoal profunda e coerente. Através de múltiplos símbolos elaborados pelo poeta místico, a fé é apresentada como busca apaixonada de Deus, em seu mistério transcendente, no mais íntimo da pessoa humana. Meio divino e proporcionado para uma união imediata com Deus, Esposo da humanidade em Cristo, a fé integra paradoxalmente as mediações humanas e eclesiais consequentes do dom do Pai na Encarnação de seu único Filho. Prioritária no itinerário de comunhão com Deus, a fé, sempre em síntese com a esperança e o amor, significa ao mesmo tempo, dignificação e purificação das capacidades humanas limitadas. Luz ofuscante e excessiva, a fé se torna noite escura para a inteligência, noite bíblica e pascal que a simplifica, em vista de uma maturidade contemplativa e cristocêntrica. Poeta e doutor da *noite da fé*, João da Cruz confraterniza com a humanidade de hoje, que faz a experiência da ausência de Deus.

PALAVRAS-CHAVE: Fé teológica; Busca de Deus; Comunhão; Mediações; São João da Cruz

ABSTRACT

The theology and pedagogy of faith transmitted by Saint John of the Cross are attributable to a deep and consistent personal experience. Through many symbols elaborated by the mystical poet, faith is presented as a passionate search for God, present in his transcendent mystery, in one's spiritual interiority. As the divine occurs in proportion to an immediate union with God, Spouse of humanity in Christ, faith paradoxically includes any human meditation and ecclesiastical mediation resulting from God's gift in the incarnation of his only Son. Faith holds priority in the itinerary of communion with God but always together with hope and love. Faith both dignifies and purifies our limited human capacities. As a blinding and excessive light, faith becomes the *dark night* of our intelligence, a biblical and paschal night that simplifies it in order to reach a contemplative and Christ-centric maturity. Poet and doctor of *night of faith*, John of the Cross can be a brother to contemporary mankind bereft of God's presence.

KEYWORDS: Theological Faith; search of God; communion; Saint John of the Cross

Introdução

Ao começar a celebração do IV centenário do falecimento de São João da Cruz, em 1990-91, o papa João Paulo II analisava a profundidade da fé pessoal do santo doutor da Igreja:

¹ Professor de Espiritualidade no Studium de Notre-Dame de Vie – França. E-mail: jmlaurier@free.fr

[...] uma fé viva e vigorosa que busca e encontra Deus no seu Filho Jesus Cristo, na Igreja, na formosura da criação, na oração silenciosa, na escuridão da noite e na chama purificadora do Espírito. Como demonstra o santo pela própria vida, a fé inspira adoração e louvor e proporciona a toda existência um saudável realismo humano e um sabor de transcendência.²

Dom divino e sobrenatural, a fé se torna uma atitude global que orienta a pessoa humana e sua existência, na comunidade e na sociedade, para Deus. Através da experiência da pobreza familiar na Castela do século XVI, da insatisfação produzida pelos estudos filosóficos e teológicos em Salamanca, das lutas pela radicalidade evangélica na Igreja do século de Ouro espanhol, através do ministério sacerdotal próximo dos mais humildes, do magistério espiritual ao serviço das carmelitas e dos frades descalços, das contradições no exercício das responsabilidades, João da Cruz (1542-1591) foi um homem apaixonado por Deus, um namorado dele. Com ele conversava com grande familiaridade, dele falava com simplicidade. Os conteúdos da fé se tornaram para o nosso santo uma realidade pessoal e viva, seu tesouro e mundo mais real.

O magistério de São João da Cruz sobre a fé teologal procede do dinamismo contínuo de libertação interior da pressão das coisas, dos bens, até os mais legítimos, que definiu sua existência breve e escondida. Jorra da resposta contínua de fé que ele ofereceu ao Deus “Amado” e “Incompreensível”, cuja vontade amorosa e projeto de dignificação do homem soube reconhecer nas circunstâncias tão positivas quanto negativas da vida.

Foi um formador de crentes e desenvolveu uma autêntica teologia e pedagogia da fé frente a dois empecilhos que a enfraqueciam: por uma parte, uma credulidade excessiva naqueles que, sem nenhum discernimento, confiavam mais em visões privadas, locuções interiores, ou movimentos subjetivos, do que na Palavra de Deus, consignada na Sagrada Escritura, transmitida e interpretada fielmente pela Igreja. De outra parte, uma dureza de coração, um dogmatismo frio, em alguns setores da hierarquia eclesial, que impedia a abertura ao mistério, à experiência espiritual.

O magistério de São João da Cruz, desvendado nos grandes comentários de suas poesias, pretendeu fortalecer uma fé orante e adorante, adulta e pessoal, madura e

² JOÃO PAULO II, Papa. Carta apostólica « Mestre na fé ». In: ACTA APOSTOLICA SEDIS. n. 83 (1991) p. 561-575. *Osservatore Romano* (14.12.1990) n. 287 (39.625) p. 1, 4-5.

convencida, bíblica e cristocêntrica, celebrada na comunhão eclesial e projetada em coerência moral e serviço aos irmãos. O presente estudo se concentrará nas grandes propostas do *Cântico espiritual* e na pedagogia da fé desenvolvida na *Subida do Monte Carmelo e Noite Escura*.

I. Grandes propostas do *Cântico espiritual*

1. *A fé é busca e acolhida de Deus em seu mistério transcendente no mais íntimo de si. É orante e adorante, pessoal, abraçada pelo ser inteiro e unificadora da existência toda.*

No prólogo dirigido à madre Ana de Jesus, priora das carmelitas descalças de Granada em 1584, João da Cruz apresenta o projeto da obra e o significado do comentário das canções compostas no cárcere de Toledo³ e completadas depois no clima espiritual e familiar do Carmelo descalço de Andaluzia:

Essas canções, tendo sido compostas em amor de abundante inteligência mística, não poderão ser explicadas completamente... : porque a sabedoria mística, isto é a sabedoria de amor, de que tratam as presentes canções, não há mister ser entendida distintamente para produzir efeito de amor na alma: pois age de modo semelhante à fé, na qual amamos a Deus sem o compreender.⁴

As 12 primeiras estrofes do *Cântico espiritual*, na explicação mais extensa, Cântico espiritual B, exprimem uma dinâmica esponsal, uma busca cheia de ansiedade do Filho-Verbo de Deus escondido no seio do Pai para toda a eternidade e no coração humano nesta temporalidade humana nossa, ao tempo que transparentam o anseio e a esperança firme da clara visão da sua divindade. Na 1ª canção, a fé e o amor são apresentados como os dois meios de encontro com “o Deus incompreensível”, para além de todo conceito, que, em Cristo Jesus, se fez Esposo da Igreja e de toda pessoa

³ Ele ficou nove meses (de dezembro de 1577 a agosto de 1578) preso num cárcere conventual, refém dos carmelitas não reformados por Teresa d'Ávila. Lá, compôs 31 estrofes do *Cântico espiritual*. As citações referentes às passagens de João da Cruz, no decorrer do artigo, são da obra: SÃO JOÃO DA CRUZ. *Obras completas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. Utilizaremos *Cântico espiritual* (CE e CEB), *Noite escura* e *Subida*.

⁴ *Cântico espiritual* (notado CE), Prólogo 2.

humana, a quem João da Cruz chama de “alma”⁵. A “divina união”, meta constante da pedagogia e teologia do santo doutor apenas se pode realizar e atualizar por meios divinos, quer dizer teologais: fé, esperança e amor são dons de Deus, procedem dele, e orientam toda a existência cristã para ele. Os primeiros versos do Cântico são muito conhecidos: “Onde é que te escondeste,/Amado, e me deixaste com gemido!”

A alma formosa e esposa é, na própria interioridade, o aposento onde mora o Amado divino, o retiro e esconderijo no qual ele se oculta. Permanecendo escondida, a alma o perceberá “às escondidas, e se deleitará com ele às ocultas”⁶. A referência principal é *Isaiás 45,15*: “Verdadeiramente tu és Deus escondido”, que no contexto dos oráculos do Servo sofredor aponta para o misterioso desígnio de Deus na escolha de um rei pagão, Ciro, como instrumento da libertação de Israel. O santo interpela a alma:

Já te foi dito, ó alma como hás de proceder a fim de encontrares o Esposo em teu esconderijo. Se outra vez porém o queres ouvir, escuta: [...] é preciso buscá-lo na fé e no amor [...] são os dois guias de cego que te conduzirão por onde não sabes, levando-te além, ao esconderijo de Deus. Efetivamente, a fé é como os pés com que a alma vai a Deus; e o amor, o guia que a conduz. Andando ela no trato e manuseio desses mistérios e segredos da fé, merecerá que o amor lhe descubra o que está encerrado na fé: o Esposo a quem deseja unir-se, nesta vida, por graça especial de divina união com Deus, e depois, na outra, por glória essencial, gozando-o face a face e não mais escondido. No entanto, mesmo que a alma chegue a essa união [...]

Fazes muito bem, ó alma, em buscar o Amado sempre escondido, porque muito exaltas a Deus, e muito perto dele te chegas, quando o consideras mais elevado e profundo que tudo quanto podes alcançar.⁷

A fé é definida como atividade: *trato e manuseio*. No entanto, a busca da fé significa antes de tudo aceitação do mistério muito bem expressada pelo símbolo do guia do cego e do caminho para além de toda representação, da trilha sem parada, sem fruição. A fé implica uma certa insatisfação para o apetite sensível e razoável. Pode se definir como um sentido justo de Deus escondido, infinito, fora do alcance humano, da experiência e das percepções humanas. O Amado, quer dizer o Esposo divino, é antes de tudo o Verbo de Deus escondido e infinito no seu mistério filial trinitário, que a alma esposa vai buscando nessa adesão e união na obscuridade chamada *fé*.

⁵ A mística sponsal feminina não precisa do intermediário da “alma”. Dirige-se diretamente ao Esposo divino. Como homem, membro da Igreja esposa de Cristo, João da Cruz precisa usar o intermediário “feminino” da alma em relação ao Cristo Esposo, cabeça da Igreja.

⁶ Cf. Cântico Espiritual B (doravante também indicado por CEB) 1,10-12

⁷ CEB 1,11-12

A fé não significa uma “domesticação” de Deus (Deus na minha *domus* e à minha disposição, Deus útil), que seria o risco de todo misticismo. Segundo João da Cruz, nessa primeira etapa do *Cântico espiritual*, a fé emerge como afirmação, profissão, bem assim como reconhecimento agradecido, da proximidade divina na interioridade da pessoa humana, ao tempo que implica aceitação da sua absoluta transcendência. Concluindo: a fé se afirma como busca e acolhida da presença de Deus “percebida como transcendente na mais íntima imanência”⁸.

2. *A fé é meio divino para a união pessoal com Deus Esposo da humanidade em Cristo. Seu imediatismo teologal implica paradoxalmente as necessárias mediações humanas e eclesiais.*

As estrofes 2 a 11 dão continuidade ao dinamismo de busca e de encontro teologal impelido pela primeira canção. A alma esposa, ferida pelo amor primeiro e infinito do Esposo divino, não encontra mais satisfação na posse das coisas, sofre pela aparente ausência do Amado, quer aproveitar-se da mediação das criaturas angélicas e humanas. Exercita-se nas virtudes, ignora os prazeres desta vida, interpela a criação marcada pela formosura e excelência do Criador e exaltada pela encarnação e ressurreição do Filho de Deus. Recebe com saudade o balbucio das criaturas racionais a respeito de Deus, incluindo as verdades da Sagrada Escritura. Avista *um não sei quê* a descobrir-se ainda da imensidade divina e deseja a presença, a entrega total e definitiva do Amado, quem na verdade roubou seu coração e é a única resposta a seus anseios e a única luz de seus olhos. Dentro de si, ela já leva uma marca, um viso e vislumbre dessa presença, *debuxo* ou *figura*, diz o santo, e como imagem que leva só a primeira mão, aguarda e pede o acabamento da pintura. Fazendo uma perfeita inclusão com a primeira canção, o santo introduz a estrofe 12 do *Cântico espiritual B* com as seguintes palavras quase que redundantes:

E cheia de uma fé tão iluminada que a faz vislumbrar certas manifestações divinas muito claras da grandeza do seu Deus, fica sem saber o que faça. Volta-se então para a mesma fé, que encerra e oculta a figura e beleza do Amado, e da qual recebe também os debuxos dele e prendas do seu amor. Falando, pois, com a fé, diz a seguinte canção:

⁸ Neste ponto, sintetizamos a reflexão sobre a “atitude teologal” pelo fenomenólogo das religiões, Juan Matín Velasco (cf. VELASCO, J. M. *Mística y humanismo*. Boadilla del Monte, Madrid: PPC. 2007. De modo especial, ver o capítulo 2, “El hecho místico. Ensayo de fenomenología”).

Ó cristalina fonte,
Se nesses teus semblantes prateados
Formasses de repente
Os olhos desejados
Que tenho nas entranhas debuxados!

O comentário da estrofe desenvolve a simbologia da fé como *envoltório*, *invólucro* da pessoa, da substância e realidade do Amado divino, e através de uma prosopopéia, a fé se torna o interlocutor válido da alma esposa, cuja busca não acertou ainda no impulso dramático das 10 estrofes anteriores. Obviamente, atrás ou por debaixo das afirmações líricas e estéticas do santo, fica a definição tradicional da fé como *inchoatio vitae aeternae*⁹, como esboço, primícias, começo e início de uma realidade ou bem escatológico. Contudo, não é *inchoatio* ou *começo da vida eterna* abstrata, e sim da presença pessoal do Amado, é uma *inchoatio* personalizada de alguma maneira. A palavra *figura* usada pelo doutor místico recorda a afirmação cristológica da epístola aos Hebreus 1,4: “O Filho é o resplendor da glória do Pai e figura de sua substância”. Também acarreta no seu pensamento outra implicação que é *transfiguração*, ou seja *transformação*: pela fé começa a nossa transfiguração em filhos no próprio Filho de Deus e a visão face a face nos proporcionará o acabamento, a semelhança definitiva com ele¹⁰.

O simbolismo da fé como “cristalina fonte” aponta para duas dimensões:

1ª - a dimensão Teologal: “Na verdade não há outro meio pelo qual se chegue à verdadeira união e desposório espiritual com Deus, conforme declara o Senhor por Oséias, nestes termos: Desposar-te-ei na fé¹¹.”

Na Revelação bíblica, que inspira João da Cruz em todo o momento, o modelo do amor conjugal, bem assim como o modelo da amizade e da filiação, constitui um referente constante para definir a aliança entre Deus e seu povo eleito, embora traga continuamente o diferencial de um dom procedente da iniciativa divina, sem igualdade e reciprocidade totais. *Fé*, no texto profético citado, no contexto do ermo e da solidão re-educadora do povo rebelde e infiel, cobra o sentido de *fidelidade*. A fé da esposa nasce e jorra da *fidelidade* do Deus da Aliança. A palavra, em todo o caso, indica o

⁹ « *Inchoatio vitae aeternae in nobis* » (Hebreus 11,1) *apud* SANTO TOMÁS DE AQUINO. *Summa theologiae*, IIa IIae q.4 a.1.

¹⁰ Cf. 1 João 3,2: “Seremos semelhantes a ele porque o veremos tal como ele é”.

¹¹ CEB 12,2

compromisso das pessoas envolvidas na aliança. Notemos a exclusividade da fé como meio – divino, teologal – para a divina união.

2ª dimensão: a Cristológica: Chama a fé de “cristalina” por dois motivos: primeiro, por ser de Cristo seu Esposo; segundo, porque tem as propriedades do cristal, sendo pura nas verdades e ao mesmo tempo forte, clara e limpa de quaisquer erros e de noções naturais”¹².

É tanto o objeto, *a respeito de* Cristo, quanto a procedência: vem *de* Cristo, é dom dele, que explica o qualificativo *cristalina*. O adjetivo *cristalina* salienta igualmente o caráter sobrenatural da fé e sua inerrância. Ao ser dom de Deus, participação da Verdade primeira que é o próprio Deus, não pode errar. Com o plural, *as verdades*, João da Cruz dá um passo a mais, introduzindo os enunciados, o conteúdo complexo da fé. Sendo uma participação da verdade primeira, incompleta, uma e simples de Deus, no entanto, ela reflete e espalha essa luz e verdade na inteligência discursiva de modo fragmentado que permite sua transmissão. Pregam-se e transmitem-se as *verdades da fé*. O segundo verso da estrofe precisamente está concentrado sobre esta questão um pouco delicada. Tomara que a linguagem simbólica do doutor místico nos ajude a perceber e até saborear este ponto da teologia da fé!

As proposições e artigos que propõe a fé, a alma chama semblantes prateados. Para compreensão desse verso e dos seguintes, precisamos saber que a fé é aqui comparada à prata, nas proposições que nos ensina: quanto à substância encerrada na fé, e as verdades nela contidas, são comparadas ao ouro. De fato, essa mesma substância que agora cremos, vestida e encoberta com a prata da fé, veremos e gozaremos dela noutra vida, sem mais véu, despojado da fé [...] A fé efetivamente nos dá e comunica o próprio Deus, coberto todavia com prata de fé; mas nem por isso deixa no-lo dar verdadeiramente. É como quem nos desse um vaso de ouro recoberto de prata, que pelo fato de estar prateado, não deixaria de ser o dom de um vaso de ouro [...]. Dirigindo-se, pois, agora à fé, exclama a alma: oh! Se nesses teus semblantes prateados – que são os artigos já referidos – que cobrem o ouro dos divinos raios, isto é dos olhos desejados, e acrescenta logo¹³:
Formasses de repente
Os olhos desejados...
O motivo de chamar aqui olhos a estas verdades é a grande presença do Amado que sente a alma, pois parece que sempre a está olhando e assim diz¹⁴:

¹² CEB 12,3

¹³ CEB 12,4

¹⁴ CEB 12,5

Que tenho nas entranhas debuxados!

Estão debuxados nas entranhas, isto é na alma, segundo o entendimento e a vontade. De fato, é pela fé que são estas verdades infundidas na alma, segundo o entendimento. Como a notícia delas não é perfeita, diz que estão apenas debuxadas. O debuxo não é perfeita pintura; do mesmo modo, a notícia da fé não é perfeito conhecimento¹⁵

Recolhamos de este comentário de teologia simbólica e especulativa ao tempo, duas afirmações úteis para o nosso propósito:

1) “Semblantes prateados” = *verdades, artigos, proposições da fé, ensinadas por ela* = obscuras, encobertas, sob forma velada = ”véus” → cobrem o ouro dos raios divinos, os olhos desejados, as irradiações das verdades divinas : a “substância divina”, coberta e velada pelos semblantes prateados = “vaso de ouro” = *o próprio Deus*. Estas equivalências, levam à conclusão-chave essencial: “A fé efetivamente nos dá e comunica o próprio Deus, coberto todavia com prata de fé; mas nem por isso deixa no-lo dar verdadeiramente”. Corroboração da afirmação tradicional, com Santo Tomás¹⁶: o *termo* da fé não são os enunciados e sim a realidade de Deus – Deus uno e trino, Deus pessoal ”ouro da substância”. Os *artigos da fé* quer dizer as palavras humanas, eclesiais, o dogma. As palavras da fé são analógicas, relativas; contudo são umas mediações eficazes, “encerram o mistério”, “contêm a realidade de Deus”, proporcionam “uma presença grande do Amado olhando para a alma esposa”, embora sejam véus, “*semblantes prateados*”. Por isso não são descartáveis; são garantidas pela Igreja. Não existem melhores expressões humanas do mistério divino. Uma mística sem dogma não seria católica. A fé alcança, atinge o mistério insondável de Deus pelos enunciados, pelas palavras do dogma como resumo da Revelação consignada na Bíblia, como concentração e feixe da luz divina nela depositada, como herança viva, comum e constitutiva da comunidade eclesial. A fé continua sendo “fonte cristalina” nesses “semblantes prateados”, nessas mediações humanas eclesiais. Aportação preciosa de São João da Cruz à teologia da fé.

2) A notícia da fé infusa na inteligência humana = “*debuxo*”, conhecimento imperfeito e parcial à espera do acabamento e da manifestação clara, total, na visão face a face. O santo se prende à lógica paulina no hino à caridade na 1 Co 13, 9- 13:

¹⁵ CEB 12,6

¹⁶ SANTO TOMÁS DE AQUINO. *De Veritate*. q.14 a.12.

pois o nosso conhecimento é limitado [...], quando vier o que é perfeito, o que é limitado desaparecerá [...] agora vemos em espelho e de maneira confusa, mas depois veremos face a face [...] conhecerei como sou conhecido. Agora por tanto, permanecem fé, esperança e amor, essas três coisas. A maior, porém, o amor”.

João da Cruz continua o comentário:

Além deste debuxo da fé, há na alma que ama, outro debuxo de amor, segundo a vontade. Aí se debuxa de tal maneira a figura do Amado e tão conjunta e vivamente se retrata, quando há união de amor, que verdadeiramente é possível afirmar que o Amado vive no amante e o amante no Amado...¹⁷

Trata-se da eminência do amor-ágape que cria mútua inibição e reveza o *debuxo* da fé.

Contribuição do *Cântico espiritual* para uma teologia vivencial da fé

A proposta feita por João da Cruz de uma fé pessoal, buscadora, orante, adorante do mistério, unificadora das verdades enunciadas e transmitidas pela comunidade eclesial, com a realidade trinitária e cristológica buscada, acolhida e ainda esperada, torna-se valiosa ao unificar harmoniosamente subjetividade e objetividade, firmeza e confiança, racionalidade e espiritualidade, rigor e amor. Valeria a pena salientar a valorização da pessoa humana, das suas capacidades, pela fé teológica, a dignidade transcendente que a fé confere quando eleva o *olho* da inteligência a responder à convocação de Deus, a corresponder ao olhar divino amoroso: são as estrofes 32-33 que precisariam de um estudo específico.

II. Uma pedagogia da “pura fé”: *Subida do Monte Carmelo e Noite Escura*

Com a base do poema da “Noite”¹⁸ e do gráfico “do Monte”, João da Cruz perfila no contexto iluminista da Andaluzia controlado pelo dogmatismo inquisitorial,

¹⁷ CEB 12,7

¹⁸ “Em uma noite escura
De amor em vivas ânsias inflamada,
Oh! Ditosa ventura!

uma pedagogia da “pura fé”. É a *Subida do Monte Carmelo*, prolongada pelo livro chamado *Noite escura*.

Embora o prólogo não esteja dirigido a pessoas determinadas, os destinatários prováveis destes dois tratados conexos foram os frades descalços de Baeza e Granada, onde o santo era superior e mestre. O tom, sobre tudo na *Subida*, primeira parte do díptico, não é tão lírico, mas sim didático. O poema da “Noite” é comentado apenas quase nas duas primeiras estrofes – das oito que o constituem – com uma concentração sobre três símbolos poderosos:

- o 1º e mais exitoso, da *noite* = noite cósmica, humana, pascal do êxodo de Israel, do *trânsito*, quer dizer, a passagem de cada alma para a liberdade, condição da comunhão plena com Deus;

- o 2º símbolo da *escada secreta* da contemplação infusa e escura na pura fé, completado no final do díptico, livro II da *Noite escura*, pelo

- 3º símbolo do *disfarce* ou *veste* ou *libré branca*, significando a fé com a qual a alma se reveste, junto com a veste de cor verde da esperança e vermelha da caridade, para caminhar nas *noites* da existência e da história humana, atraindo a bênção do Esposo divino, transformando qualquer experiência ou circunstância negativa em vivência teologal. Nesta teologia e pedagogia da fé (= mistagogia), destacaremos 3 eixos principais.

1. Prioridade da fé (*Porta fidei*)

O subtítulo do poema aparece muito significativo: “Canções em que canta a alma a ditosa ventura que teve em passar, pela noite escura da fé, na desnudez e purificação de si mesma, à união com o Amado”. O comentário, particularmente na segunda e terceira parte da *Subida do Monte Carmelo* desvendará o processo completo das três virtudes teologais. Porém, a fé é apresentada desde já como englobante, inclusiva, apesar de cobrir apenas o livro II. A definição da *noite*, e seu porquê e para quê, no livro I da *Subida*, capítulo 2, confirma semelhante perspectiva:

A purificação que leva alma à união com Deus pode receber a denominação de noite por três razões. A 1ª, quanto ao ponto de partida, pois, renunciando a tudo o que possuía, a alma priva-se de todas as coisas do mundo, pela negação delas. Ora, isto constitui sem

Saí sem ser notada,
Já minha casa estando sossegada.” (1ª canção).

dúvida uma noite para todos os sentidos e apetites do homem. A segunda razão, quanto à via a tomar para atingir o estado da união. Esta via é a fé, noite verdadeiramente escura para o entendimento. Enfim, a terceira razão se refere ao termo ao qual a alma se destina – termo que é Deus, ser incompreensível e infinitamente acima das nossas faculdades, e por isso mesmo, pode ser denominado uma noite para a alma nesta vida. Estas três noites hão de passar pela alma ou melhor, por estas três noites há de passar a alma a fim de chegar à união divina¹⁹.

Este caráter prioritário e inclusivo da fé chama a atenção no contexto teológico conflitante da reforma protestante tão debruçada sobre a fé confiança, *fiducial*, como resposta sempre primeira, exclusiva e totalmente passiva, ao dom totalmente divino e incessante da justificação em Cristo, por uma parte. De outra parte, a teologia tridentina ansiosa por manter o equilíbrio das três virtudes teologais no dom interior e fecundo da justificação-santificação, bem assim como a dimensão intelectual da fé, participação da verdade divina e sobre tudo, a excelência da caridade exercitada nas boas obras meritórias pelo próprio dinamismo da graça. A subida rumo ao monte da união com Deus é de forma prioritária e abrangente para João da Cruz uma caminhada de fé, uma obra de fé.

No entanto, sua mensagem pretende se situar plenamente no catolicismo ao interpretar de forma alegórica as três noites²⁰ de preparação à união vivida por Tobias com sua noiva Sara, no contexto das três noites ou partes da noite pelas quais passa a alma para a união divina:

Na segunda noite, o Anjo disse a Tobias que seria admitido na companhia dos santos patriarcas, que são os pais da fé. A alma, do mesmo modo, após passar a primeira noite, figurada pela privação de todos os objetos sensíveis, logo penetra na segunda noite. Aí repousa na solidão da fé, que exclui, não a caridade, mas todas as notícias do entendimento, pois como adiante diremos, a fé não cai sob os sentidos.²¹

É óbvia a alusão à divisa do luteranismo: *sola fide*, significando a justificação pela fé só, excluindo as obras (derivando da caridade), segundo a lógica paulina das cartas aos Romanos e aos Gálatas, o mais puro paulinismo para Martim Lutero. A união

¹⁹ *Subida* I,2,1.

²⁰ Segundo a versão da Vulgata em Tobias 8,4.

²¹ “(...) quedándose sola en fe (no como excluye la caridad), sino las otras noticias del entendimiento” (*Subida* I, 2,3). Texto de João da Cruz na língua original espanhola.

divina, proposta e meta do santo, será situada por tanto na lógica católica da graça justificante e santificante integrada e sintetizada por “esses três dons infusos da fé, esperança e caridade”²².

2. *A síntese da fé, esperança e caridade como elevação e purificação da interioridade espiritual (Subida II,6 e Noite escura II,21). Subida II,6*

A comunhão com Deus é dom generoso de Deus. Significa presença e comunicação de vida sobrenatural, semelhança com Deus e conformidade de vontade com ele. Comunhão não é efusão nem fusão. É uma elevação exigente (cf. o símbolo da *escada secreta*); é ônus. Exige dispensar tudo aquilo que é dessemelhante com Deus, disconforme com sua vontade. Implica uma purificação. O santo não renuncia a esse realismo teologal, específico dele, na verdade. Como meios divinos para uma união divina, as virtudes teologais de fé, esperança e caridade serão apresentadas numa dupla perspectiva: positiva, elas permitem mergulhar em Deus, comungar com ele; negativa, elas provocam uma purificação nas “potências”, o seja, capacidades naturais humanas, essas faculdades nas quais elas se enxertam e que pretendem levar à altura do mistério divino. Contudo, trata-se de um aperfeiçoamento: “Como as três virtudes teologais devem aperfeiçoar as três potências da alma, produzindo nelas vazio e trevas”, é o título significativo do cap. 6 da IIa parte. A pedagogia será a seguinte:

Devemos, pois levar as três potências da alma às três virtudes teologais, de modo a ser cada potência informada pela virtude que lhe é correspondente, despojando-a e pondo-a no vazio de tudo quanto não se refira às três mesmas virtudes. É esta a noite espiritual que chamamos ativa, por causa das diligências empregadas da parte da alma para nela entrar.²³

Com esta nuance fundamental para uma justa compreensão da mensagem de S. João da Cruz: “note-se agora que me dirijo especialmente aos que já começaram a entrar no estado de contemplação”²⁴.

²²PAULO III. Decreto *De justificatione*, capítulo 7 (Dz 1530-31). In: DENZINGER, H. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. Traduzido por José Marino e Johan Konings. São Paulo: Paulinas, Loyola, 2007. Dz representa a abreviação de Denzinger.

²³ *Subida II,6,6*.

²⁴ *Subida II,6,8*.

Na trilha do doutor místico, o adjetivo *teologal* cobra até mais importância do que o substantivo *virtude*, que significa na moral clássica, um hábito bom e uma espontaneidade conquistada pelo homem para o bem. A via teologal é estreita. A Paixão glorificadora do Cristo surgirá no capítulo 7 do livro II da *Subida* não apenas como a fonte sacramental da fé e, sim, como o modelo exemplar e luminoso da união espiritual com Deus, numa desnudez interior e numa pobreza espiritual consentida e abençoada.

Noite escura II, 18-21

Na segunda parte do díptico, o livro chamado *Noite escura*, o comentarista retoma a segunda estrofe do poema:

As escuras, segura,
Pela secreta escada disfarçada,
Oh! Ditosa ventura!
As escuras, velada,
Já minha casa estando sossegada.

O comentário da palavra *disfarçada* proporciona um acabamento da reflexão do santo sobre a prioridade da fé como porta da vida teologal, a necessária conexão das três virtudes teologais como resposta interior da pessoa humana ao amor inicial de Deus em Cristo, a caridade como participação da caridade intra-trinitária.

A alma pois, tocada aqui pelo amor do Esposo Cristo, pretendendo cair-lhe em graça e conquistar-lhe a vontade, sai agora com aquele disfarce que mais ao vivo exprime as afeições de seu espírito, e com o qual vai mais ao coberto dos adversários e inimigos, a saber, mundo, demônio, carne. Assim a libré que veste compõe-se de três cores principais: branca, verde e vermelha. Nestas três cores são significadas as três virtudes teologais, fé, esperança e caridade, com as quais não só ganhará a graça e a vontade de seu Amado, mas irá, além disso, muito amparada e segura quanto aos seus três inimigos.²⁵

Qual é o papel e fecundidade da “noite espiritual” segundo João da Cruz? A *noite* oferece à alma em via para a divina união um clima seguro, que encerra os dons maiores e misteriosos da sabedoria e os toques do amor divino. A atitude única adequada a se manter na noite é a fé, esperança e caridade, vestimenta do batismo, pois, nelas, a pessoa humana se mostra tão ativa quanto passiva, age e acolhe, recebe. São o ponto nevrálgico onde se articulam passividade (tão sublinhada pelos reformadores

²⁵ *Noite escura* II, 21,3.

protestantes) e atividade (tão desenvolvida pela pastoral pós-tridentina, para salvar a liberdade espiritual). Sem essa atitude do sujeito humano, toda circunstância negativa da existência humana, todo drama cósmico ou histórico, não se torna *ipso facto* para o doutor místico *noite espiritual*. Não tudo é *noite* autêntica. Especifica agora o papel da fé:

A fé é uma túnica interior de tão excelsa brancura que ofusca a vista de todo entendimento. Quando a alma caminha vestida de fé, o demônio não a vê, nem atina a prejudicá-la, porque com a fé, muito mais do que com as outras virtudes, vai bem amparada contra o demônio, que é o mais forte e astuto inimigo. Por isto são Pedro não achou outro melhor escudo para livrar-se dele ao dizer: ‘Ao qual resisti permanecendo firmes na fé’ (1 Ped 5,9). Para conseguir a graça e a união do Amado, a alma não pode vestir melhor túnica e camisa como fundamento e princípio das demais virtudes, do que esta brancura da fé, pois ‘sem ela, conforme disse o Apóstolo, impossível é agradar a Deus’ (Hb 11,6). Com a fé, porém, não pode deixar de agradar, segundo testifica o próprio Deus pela boca de um profeta: ‘Desposar-te-ei na fé’ (Os 2,20). É como se dissesse: se queres, ô alma, unir-te e desposar-te comigo, hás de vir interiormente vestida de fé. Esta brancura da fé revestia a alma na saída desta noite escura [...] Não havia em seu entendimento luz alguma que a consolasse [...] a alma, no entanto, sofreu tudo com perseverança e constância, passando aqueles trabalhos sem desfalecer e sem faltar ao Amado. É ele que por meio dos sofrimentos e tribulações, prova a fé da sua esposa ...²⁶.

A especificidade da fé é perfeitamente resguardada em seus aspectos tradicionais de luz –ofuscante para o demônio-, branca e sedutora do Esposo divino, e de fundamento e princípio da vida teologal – *porta fidei*- e em seu aspecto bíblico de firmeza e constância (= *stare*) comprovadas aos olhos de Deus.

3. *Escuridão e simplicidade da fé - “Luz excessiva”*

A fé simbolizada pela ‘escada secreta’ e o ‘disfarce’ vai para além dos limites humanos, sensíveis e racionais. O santo doutor insiste sobre a ruptura implicada pela fé; dimensão de elevação e ascensão, como um ‘transpor’ os limites naturais:

A fé aqui é comparada a uma ‘escada secreta’, porque os seus diferentes graus e artigos são ocultos a todo sentido e entendimento. Obscurecida quanto à luz natural e racional, a alma sai assim dos seus

²⁶ *Noite escura* II,21,3.4.5.

próprios limites para subir esta escada divina da fé que se eleva e penetra às profundezas de Deus.²⁷

A fé, dizem os teólogos, é um hábito certo e obscuro. Chama-se obscuro porque faz crer verdades reveladas pelo próprio Deus, e que estão acima de toda luz natural, excedendo, sem proporção alguma, a todo entendimento humano. Portanto esta excessiva luz que a alma recebe da fé, converte-se em espessa treva, porque o maior sobrepuja e vence o menor, assim como a luz irradiante do sol obscurece o brilho de quaisquer luzes, fazendo não mais parecerem luzes aos nossos olhos, quando ele brilha e vence nossa potência visual. Em vez de dar-nos vista, o seu esplendor nos cega, devido à desproporção entre o sol e a potência visual. De modo análogo, a luz da fé, pelo seu grande excesso, supera e vence a luz do entendimento que só alcança por si mesma a ciência natural...²⁸

O santo aponta em primeiro lugar para a obscuridade da fé, e deixa de lado a certeza. Semelhante insistência é um poderoso corretivo a qualquer voluntarismo e orgulho intelectual na certeza da fé. Marca a renúncia implicada pela fé e salienta o conseqüente enriquecimento e a paradoxal iluminação que confere:

É evidente ser a fé uma noite escura para a alma e assim a ilumina e quanto mais a obscurece, mais luz irradia. Porque cegando dá luz, conforme diz o profeta Isaías: se não crerdes, não tereis luz (7,9). Assim foi figurada a fé naquela nuvem que separava os filhos de Israel dos egípcios, na passagem do Mar Vermelho. A Sagrada Escritura diz: A nuvem era tenebrosa e iluminava a noite (Ex 14,20). Admirável coisa: sendo tenebrosa iluminava a noite. Assim a fé – nuvem tenebrosa e obscura para a alma que também é noite, pois em presença da fé, torna-se cega e privada da luz natural- com sua obscuridade ilumina e esclarece a treva da alma [...] ‘a noite mostra sabedoria à noite (Sal 18,3)’. A noite, que é a fé na Igreja militante, onde ainda é de noite, comunica a ciência à Igreja, e por conseguinte à cada alma, que em si mesma é noite, porque ainda não goza da clara sabedoria beatífica, e diante da fé fica privada da sua luz natural.²⁹

Na teologia de João da Cruz, a alma nunca fica isolada. A vivência dela foi experimentada pelo povo eleito, tipo e padrão de toda vivência e trânsito espirituais. Também é experimentada com intensidade pela Igreja em caminho na terra. A alma é, portanto, membro de um povo e de um corpo; participa da noite iluminadora que os caracteriza essencialmente, noite da fé de Israel em êxodo, noite da fé da Igreja em

²⁷ *Subida* II,1,1-2.

²⁸ *Subida* II,3,1.

²⁹ *Subida* II,3,4-5.

caminho rumo à visão, noite pessoal da alma crente nesta vida, obscuridade luminosa que oferece segurança.

4. “Único meio próximo e proporcionado” para a união divina (Subida II, 8-9)

A argumentação do doutor místico poderia aparecer repetitiva, mas não é assim. Vai aprofundando de maneira concêntrica uma mesma ideia para o serviço de um mesmo projeto: a união contemplativa com Deus. O capítulo 8 consiste numa enquete sobre os meios disponíveis na criação e na própria capacidade humana para alcançar esta união. Destacamos algumas afirmações sugestivas:

Entre todas as criaturas superiores ou inferiores, nenhuma há que se aproxime a Deus, nem que tenha semelhança com o ser divino. Porque embora todas tenham certa relação com Deus e possuam alguns vestígios do seu ser, como dizem os teólogos, umas em maior proporção e outras em menor, segundo o seu grau de excelência, contudo entre Deus e elas, não há semelhança essencial. Há pelo contrário, uma distância infinita entre o ser divino e o ser das criaturas. Por isso é impossível ao entendimento atingir a Deus por meio das criaturas, sejam elas celestiais ou terrenas, porque não têm proporção de semelhança com o Criador.³⁰

[...] tudo o que o entendimento pode compreender, a vontade gozar e a fantasia imaginar, é muito dessemelhante e desproporcionado a Deus [...] para chegar pois a ele, há de proceder antes não compreendendo do que procurando compreender [...]³¹

O capítulo 9 retoma a argumentação anterior e coloca a famosa definição comentada em detalhe e como nuclear na teologia (ou metafísica) da fé por Karol Wojtyła na sua tese doutoral³² :

De tudo quanto foi dito até agora, podemos concluir que o entendimento, para estar disposto à divina união, tem necessidade de permanecer na *pureza* e no vazio de todas as coisas sensíveis, desprendido e desocupado de todo conhecimento distinto, para assim tranquilo e em silêncio estabelecer-se na fé - único meio próximo e proporcionado para a alma chegar à união com Deus³³.

³⁰ *Subida II*,8,3.

³¹ *Subida II*.8, 5-6.

³² WOJTYŁA, K. *A doutrina da fé segundo São João da Cruz*. Tese de Doutorado em Teologia orientada por R. Garrigou Lagrange O.P. no Angelicum de Roma. Em latim: WOJTYŁA, K. *Quaestio de fide apud S. Johannem a Cruce*. In: *Collectanea Theologica*, Warsavia, n. 21 (1949) p. 418-468.

³³ *Subida II*,9, 2-3.

Duas perspectivas finais

1) Uma fé simplificada e contemplativa (*Subida II*, 13-15)

Assim depurada, a fé se simplifica e se exprime em contemplação. Acolhendo cada vez mais a iniciativa divina, não se conforma mais com as representações imaginárias, não saboreia mais os discursos da meditação sobre as verdades, não se importa tanto pelos conteúdos quanto pela misteriosa realidade divina que a cativa. Tudo isto – e o santo não tem dúvida- foi necessário adquirir para estruturar a vida de fé, retificar e ordenar a vida moral nas pegadas do Mestre, começar a trilha de uma vida verdadeiramente espiritual.

[A alma] Gosta de estar a sós, numa atenção amorosa em Deus, sem particular consideração, em paz interior, quietação e descanso, sem exercício das potências [...] só com uma notícia e advertência geral e amorosa, sem particular inteligência de qualquer coisa determinada.

A fé se tornou silêncio, receptividade; alcança seu objeto divino, mergulha e haure no mistério. Essa confiança, essa adoração e entrega do ser pessoal, equilibram com genialidade a obscuridade da fé, consequência de sua limitação e imperfeição até a visão. A passagem da meditação à contemplação representa uma simplificação essencial e prática da atividade da fé no discernimento do doutor espanhol. Terá maior insistência no comentário da poesia: “ô Chama de amor viva” (estrofe 3, na qual o santo enfrenta uma pastoral espiritual ativista e voluntarista).

2) Maturidade cristológica e eclesial da fé (*Subida II*, 22)

A pedagogia sanjuanista da “pura fé” no livro segundo da *Subida* oferece outro esplêndido desfecho: sua concentração cristológica. A fé implícita do Antigo Testamento, “cujos fundamentos não estavam bem assentados”³⁴, precisava de revelações múltiplas, de inumeráveis locuções divinas e extraordinárias manifestações sobrenaturais que atingiam tanto a interioridade quanto os sentidos dos homens da primeira Aliança. A fé estabelecida em Cristo não deseja mais revelações, visões,

³⁴*Subida II*, 22,3.

locuções, porque Deus falou e deu tudo ao dar, na Lei de graça, o seu Filho unigênito. A fé madura é cristocêntrica, encontra sua plenitude no Cristo.

Querer receber conhecimentos por via extraordinária [...] mesmo dentro da fé, não deixa de ser curiosidade proveniente de fé diminuta [...] Não havemos de crer por via sobrenatural, senão unicamente o que nos é ensinado por Cristo, Deus e homem, e seus ministros, homens também.³⁵

Todas as mediações humanas e eclesiais da fé teologal decorrem de seu cristocentrismo essencial. Na verdade, o capítulo 22 constitui o ápice de esta pedagogia sanjuanista da *pura fé* que os Padres do Concílio Vaticano II souberam aproveitar na elaboração da constituição *Dei Verbum*³⁶. Confirma a perenidade e a atualidade do magistério de S. João da Cruz sobre a fé teologal.

Em última instância, partilhamos a convicção que o ensinamento original do doutor espanhol sobre a *escuridão da fé* permite um diálogo evangelizador com as nossas culturas secularizadas, líquidas, relativistas, marcadas pela dúvida sistemática, e demonstrando ao mesmo tempo, uma credulidade ingênua por todo tipo de opinião mediática, adivinhação, ocultismo, espiritismo. Na *noite da fé*, a humanidade encontrará sempre em João da Cruz um irmão próximo, um mestre seguro e confiável.

Referências

ACTA SYNODALIA S. S. *Concilii Vaticani II*. Roma: Congregação geral. 1964, p. 212-213. v. III, periodus III, pars III. n. 92.

JOÃO PAULO II, Papa. Carta apostólica « Mestre na fé ». In: ACTA APOSTOLICA SEDIS. n. 83 (1991) p. 561-575. *Osservatore Romano* (14.12.1990) n. 287 (39.625) p. 1, 4-5.

PAULO III, Papa. Decreto *De justificatione*, capítulo 7 (Dz 1530-31). In: DENZINGER, H. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. Traduzido por José Marino e Johan Konings. São Paulo: Paulinas, Loyola, 2007.

SANTO TOMÁS DE AQUINO. *De Veritate*. q.14 a.12.

³⁵ *Subida II,22,7*

³⁶ Dom Zoungrana, arcebispo de Ouagadoudou, leu o texto de S. João da Cruz na terceira sessão do Concílio, no dia 1 de outubro de 1964 (cf. ACTA SYNODALIA S. S. *Concilii Vaticani II*. Roma: Congregação geral, 1964. p. 212-213. v. III, periodus III, pars III. n. 92).

_____. *Summa theologiae*, IIa IIae q.4 a.1.

SÃO JOÃO DA CRUZ. *Obras completas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VELASCO, J. M. *Mística y humanismo*. Boadilla del Monte, Madrid: PPC. 2007.

WOJTYLA, K. *A doutrina da fé segundo São João da Cruz*. Tese de Doutorado em Teologia orientada por R. Garrigou Lagrange O.P. no Angelicum de Roma. Em latim: WOJTYLA, K. *Quaestio de fide apud S. Johannem a Cruce*. In: *Collectanea Theologica*, Warsavia, n. 21 (1949) p. 418-468.

Outras obras consultadas:

GAITÁN DE ROJAS, J. D. Subida del Monte Carmelo. In: *Introducción a la lectura de San Juan de la Cruz*, Junta de Castilla y León, 1 (1), p. 361-400. Ver especialmente, *Negación y plenitud en san Juan de la Cruz*. Madrid: EDE. 1995.

GONZÁLEZ DE CARDEDAL O. Del Dios funcional al Dios real: San Juan de la Cruz. In: *La entraña del cristianismo*. Salamanca: Secretariado trinitario, 2001(3). p.171-172. Confira ainda: *Dios*. Sígueme: Salamanca, 2004. p. 229.

HERRÁIZ GARCÍA M. Juan de la Cruz formador de un yo relacional. *Monte Carmelo* 109 (2001) p. 267-302.

MARTINEZ GONZÁLEZ, E. *Tras las huellas de Juan de la Cruz*. Madrid: EDE, 2006.

PACHO, E. *San Juan de la Cruz*. Historia de sus escritos. Monte Carmelo: Burgos, 1998.

RUIZ SALVADOR F. Ruptura y comunión. *Teresianum* XLI (1990/II) p. 323-347.

SAN JUAN DE LA CRUZ. *Introducción a San Juan de la Cruz*. Madrid, BAC, 1968. *Místico y maestro*, Madrid, EDE, 1986.

PINTO DE OLIVEIRA C. J. *Contemplation et libération*. Fribourg-Paris : Editions Universitaires-Cerf, 1993. p. 69-96. Em português : *Contemplação e libertação*. Tomás de Aquino, João da Cruz e Bartolomeu de las Casas. São Paulo: Ática, 1995.

VEGA G. La poesía de San Juan de la Cruz, fuego de palabras. *Revista de espiritualidad* 49 (1990) p. 371-401.

Artigo recebido em 28.03.2013
Artigo aprovado em 23.08.2013